

HOMO SAPIENS, UMA RAÇA QUE VALORIZA A NARRATIVA: DA ORATURA À ELETRÔNICA¹

MATHIAS, Arlete Aparecida²

Resumo

A narrativa é a principal base da raça humana. Neste artigo, analisa-se o enfoque da narrativa, oriunda dos antigos ancestrais da caverna à narrativa digital. Estabelece-se um traçado histórico e evolutivo da mesma. Averigua-se tendências, entraves, opiniões dos historiadores, teóricos, editores, enfim a cadeia produtiva do livro. O intuito é observar a ocorrência ou não de limitações entre a mídia impressa e digital. A concepção é esboçar um panorama do processo evolutivo, e as adaptações dos segmentos: escritores, leitores e editores. Uma visão cósmica da nova atmosfera circundante propiciada pela tecnologia. Os suportes metodológicos sustentaram-se em entrevistas prestadas por especialistas, historiadores, pesquisadores e nas referenciais bibliográficas. Buscou-se a discussão para desvendar se a narrativa impressa suprirá o livro eletrônico. Adeptos da versão impressa defendem a sua continuidade, o outro lado afirmam o seu tempo contado. Julga-se recente os acontecimentos para apontar um parâmetro definitivo concluindo o destino de uma e de outra. As alternativas ficam ao alcance de mais análises para melhores esclarecimentos. Sabe-se da coexistência entre os documentos impressos e digitais. Ambos consolidam a realidade de transmutação do universo narrativo. Apresentam um perfil hiperconectado neste cenário da cultura de avanços para a narrativa digital.

Palavras-Chave: Narrativa; Livro impresso; Livro eletrônico; Internet; Literatura.

¹ Este texto é parte da dissertação de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e mestranda em Comunicação na Universidade de Marília, Marília, SP. Endereço eletrônico: arleteaparecidamathias@hotmail.com

Introdução

O antropólogo John Niles, em 1999, disse ter sido a narrativa a principal base para a raça humana. Narrando, as civilizações e culturas se formaram.

Já Strauss (1977) pensa a linguagem/narrativa como genitora da música e do mito. A semelhança entre ambas é a linguagem, segundo o teórico. Para evidenciar a definição, na música ressaltava-se o aspecto do som. Este, essencialmente, é componente da linguagem musical. Por outro lado o mito se sublima no aspecto do sentido e do significado. Estes também estão presentes na linguagem e ou na narrativa. Ferdinand Saussure (1916) definiu o signo linguístico contendo dois elementos indissociáveis (significado/significante). *Le son et Le Sens*, de R. Jakobson (1942) é a obra que complementou o pensamento saussuriano. Ao publicar este livro, este autor disse que nos signos estão contidas a idéia de sentido. Ao mito correspondem-se a crença e o sentido.

Jolles (1976) registrou que a epopéia nasceu quando o mito e a história se aglutinaram. A chegada da narrativa impressa, segundo ele, trouxe mudanças sociais, políticas e psicológicas para o contexto da humanidade. Gutenberg (1439) aperfeiçoa a prensa. Da união do papel com a prensa surge o livro e a narrativa escrita. No desenvolvimento deste propósito percorrem-se as mudanças e o longo percurso por ela delineado. Depois de teorizada por estímulo de Barthes (1966), surgem as expressivas transformações, desencadeadas pela internet, informatização e tecnologia digital. Deflagra-se o livro eletrônico.

Neste artigo, analisa-se o enfoque da narrativa, oriunda dos antigos ancestrais da caverna à narrativa digital. Estabelece-se um traçado histórico e evolutivo da mesma. Averigua-se tendências, entraves, opiniões dos historiadores, teóricos, editores, enfim a cadeia produtiva do livro. O intuito é observar a ocorrência ou não de limitações entre a mídia impressa e digital. A concepção é esboçar um panorama do processo evolutivo, e as adaptações dos segmentos: escritores, leitores e editores. Uma visão cósmica da nova atmosfera circundante propiciada pela tecnologia.

O tema é abordado teoricamente. Darnton (2010) ponderou que a narrativa impressa e digital se complementarão. Mas sua propensão é a certeza de o futuro ser digital, com a crença de haver convivência de diferentes suportes de comunicação.

As implicações no que tange aos formatos convencional e digital, a identidade da humanidade com a narrativa, a influência que ela revelou à cultura e às civilizações são tratados no próximo item, dedicado à trajetória da narrativa.

1. Trajetória da Narrativa

O primeiro ser humano a visitar o espaço, a bordo da nave Vostok1, foi o russo Yuri Gagarin 1961. Ao dar uma volta completa ao redor do planeta, proferiu a famosa frase: “A Terra é azul”. A percepção do cosmonauta justifica que 71% de água cobrem a superfície da terra. Esta é essencial para os humanos, tal qual a narrativa. A água no planeta se move continuamente. Uma delas, na forma de flúmen, traz vazão contínua aos cursos de água. Sua força é transformada em energia elétrica para a humanidade por meio das usinas hidrelétricas. Uma força inerente provinda da alma humana é análoga. O poder, os fortes laços, o fascínio e a identidade da raça humana com a oratura para narrar. Ao mencionar a palavra força como atitude e poder; os primitivos não tinham qualquer noção dos nortes que a trajetória da narrativa pudesse tomar ou alcançar. A necessidade de contar distingue os homens de todas as outras culturas vivas em ampla abrangência. Motta (2004, p. 6) declara:

[...] O homem narra: narrar é uma prática humana universal, transhistórica, pancultural. Todos os povos, culturas nações e civilizações se construíram narrando. Narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Vivemos mediante narrações. Construímos nossa biografia pessoal, e nossa identidade narrando. Vivemos nossas relações conosco mesmos e com outros narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos, o acontecer é uma sucessão temporal e causal [...] Nossa vida, na verdade é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. Somos narrativos , sonhamos , imaginamos , recordamos, conversamos, aprendemos , interagimos, nos divertimos , cremos, amamos, zombamos e odiamos narrando. Somos narradores natos, atores, personagens e ouvintes de nossa própria narrativa. [...] as narrativas são mais que representações são estruturas que dão sentido e significação à vida humana. Narrando construímos o nosso passado, nosso presente e nosso futuro [...] reiteram e confirmam o canônico [...] legitimam e estabilizam o mundo. Na narrativa imitamos a vida, na vida, imitamos as narrativas.

Desde que o mundo é mundo a narrativa existe, expressa rudimentarmente, desde paredes pré-históricas. As exibições incrustadas nas paredes eram reflexos do imaginário e ou da realidade cotidiana. No fio, foi delineada a linguagem e a sua representação. Gradualmente, por meio de gestos, urros, ideogramas, surge a articulação dos primeiros fonemas, em volta das fogueiras e, por final, atinge-se a transmissão oral das histórias. Eis a narrativa.

Padilha (2010) explicou que a linguagem humana desenvolveu-se por meio de interações em grupo e do interesse pela troca de experiência e pela aprendizagem. Reiterou também na sua especulação, que após a descoberta do fogo o Homem pré-histórico passou a reunir ao redor da fogueira para comer, aquecer-se, brincar, expressar danças, gestos, sons, caçadas e acontecimentos marcantes .

Compreendeu, no inquérito, que a narrativa sempre se realizou como amostragem uma experiência vivenciada. A pintura e a encenação representavam os rituais de sacrifício. O Homem primitivo inicialmente criou histórias sobre ritual de caça e mais tarde sobre o plantio, observação feita por Campbell, (1990) e Padilha (2010). Estes investigadores detalharam que o caçador encenava atos de expiação diante dos

espíritos dos animais mortos, na credence de coagi-los e tornarem a ser sacrificados novamente. Ser crédulo e imaginativo são peculiaridades do ser humano. Diz Ceia (2010, online):

[...] Uma primeira definição de imaginação, restringida à sua referencialidade, pode dizer respeito à capacidade mental para relacionar, criar, inventar ou construir imagens. Este processo criativo pode intervir tanto em fantasias como na criatividade artística e intelectual. O termo é derivado do latim *imaginatio*, que por sua vez substitui o grego *phantasia*. Aristóteles, em *De Anima* (428a 1-4), deu-nos uma primeira noção teórica sobre o conceito de imaginação (*phantasia*) que se refere apenas ao processo mental através do qual concebemos uma imagem (*phantasma*). A mente humana, segundo Aristóteles, não é capaz de pensar sem imagens. Este procedimento mental faz parte da atividade de todas as formas de pensamento e não se confunde com o que se virá a designar por criatividade ou imaginação criativa. O conceito aristotélico de *phantasia*/imaginação está ligado ao *sensus communis*, isto é, àquela parte da mente (*psyche*) que é responsável pela representação inteligível das coisas. De forma simplificada, podemos dizer que o conceito de imaginação daqui decorrente consiste no processo mental de representação das coisas que não são imediatamente presentes aos sentidos. A imaginação é uma forma de representação do que sentimos não existir no nosso mundo próximo. Esta origem grega do conceito mantém-se em alemão (*Phantasie*), sendo esta a forma que os primeiros grandes teóricos do inconsciente, Freud e Jung, sempre utilizaram e a imaginação construtiva, que é exemplificada na ciência, na invenção e na filosofia, sendo controlada por um plano ou dominante.

Em relação à credulidade, Aristóteles pareou mito (fábula) à alma da tragédia grega. Trata-se, segundo ele, da imitação de personagens que agem, quer dizer, o mito é sinônimo em termos de arte poética, de ação. Entre os seis elementos que constituem para Aristóteles a tragédia o mito é o mais importante deles. O texto poético pode existir sem o espetáculo cênico, mas nunca sem o mito, que contém já caráter e pensamento, é a afirmação de Candido (in CEIA, 2010, online).

Padilha (2010) elegeu a descrição de mito em Sodré (2009) compactuando:

[...] Atribui-se à palavra mito a mediação realizada pelo homem da Antiguidade: as ilusões míticas, véus que cobriam as verdades comuns, mais revelavam do que explicavam o real. Assim regido o homem antigo narrava os acontecimentos essenciais à conexão das coisas que suas totalidades, constituíam o cosmos ou o mundo enquanto forma primordial de sua existência.

Analizou também que um tipo de círculo mítico – atemporal de morte sepultamento e ressurreição - tinha grande significância ao ato de caçar e a subsistência da tribo tinha esta garantia. Na especulação notou que as sociedades primitivas descobriram que a essência da vida subsistia graças à cadeia do ato de matar e comer. Quanto ao morrer e ao renascer da semente, a investigação demonstrou ser ela o grande mistério enfrentado pelos mitos.

Voltaram os mitos com o avançar dos tempos, encarnados sob uma conduta narrativa como história, tencionadas a relatar e explicar a criação do universo, comprovando os ritos, assim como harmonizando o homem com a natureza. Gradativamente com suporte primordialmente oral, a transmissão da narrativa vai mesclando-se com outras.

Identificada com a raça humana, a narrativa circunstancialmente passa também, pelo crivo e observação filosófica dos gregos. Tanto Platão como Aristóteles discutiram o grau de imitação dela. Além disso, os poetas gregos estabeleceram um marco e renunciaram o início da literatura escrita, ou seja, os “Rapsodos” contavam fatos heróicos e mitológicos. Neste período destacou-se o maior deles, Homero, que viveu no século IX ou VIII a.C. Os documentos e registros foram fundamentais para interligar os primórdios à nova era. Atualmente não se teria notícia do que ocorrera de veras antes. Não haveria qualquer sinal dos tesouros literários com que a Grécia se institucionalizou Estado através da saga homérica narrada em *Ilíada* e *Odisséia*. “A literatura grega já produzira seus documentos fundadores: Genial [...] atravessou décadas [...] e talvez até séculos havia institucionalizado e legitimado o Estado grego através de *Ilíada* e da *Odisséia*”, observa Hohlfeldt (2003). As obras *Ilíada* e *Odisséia* combinam uma série de lendas e mitos que se configuram de forma intertextual reflete um fundo histórico, da tradição oral dos primitivos. O Ocidente não só contribui para lançar a obra escrita, mas incitou também os gregos a um dos mais importantes gêneros dela, o épico. Jolles (1976) registrou que a epopéia nasceu quando o mito e a história se casam.

Desta supremacia grega foram estimulados e influenciados pela à corrente homérica épica, os poetas egípcios, romanos, indianos e outras civilizações que se debruçaram em busca de seus mitos na ênfase de recriá-los e dar outros vértices. Sodré (2009, p. 9) sacramentou estes valores dizendo que “A transmissão oral, principalmente na forma da narração, garantiu a continuidade dos valores, conhecimentos, história de um povo”

Já que as civilizações se aliciaram à docência épica de Homero, para inaugurar a redação literária, o marco zero para a invenção das letras, Hohlfeldt (2003, p. 63-4) teve a seguinte constatação:

[...] Tomemos como ponto de partida a invenção da escrita pelos Sumérios, em 3500 a.C. Podemos, depois, referir o surgimento da escrita entre os judeus e os gregos, e verificar o significativo papel que a mesma teve ao fixar em documento, e de maneira segura, isto é codificado, num texto único, as diferentes versões antigas narrativas mitológicas de cada povo, desde epopéia de Gilgamesh e o antigo testamento judaico-cristão[...] até o Corão [...] até o Corão Árabe [...] Mas especialmente a partir dos gregos que podemos melhor identificar esses períodos, que assim destacamos [...] Foram justamente os gregos que, pela primeira vez, no Ocidente refletiram a respeito da comunicação humana a partir dos filósofos pré-socráticos.

As manifestações de crítica quase que inerente à mente inquieta e investigadora do homem aceleraram a trajetória da narrativa para o pós-período épico e homérico. Aliaram-se a reis e imperadores. Na sua passagem por Roma, caiu nas graças do imperador romano, tirou o latim da orfandade e o adotou como idioma único para atender os interesses e as conveniências administrativas do Império. No catolicismo, a narrativa fez parceria com seu monopólio. Testemunhou as recorrências institucionalizadas e perseguições imposta pelo cristianismo.

Materializou-se como pedra filosofal no seio da igreja católica, e entre as religiões como instrumento de compreensão dos estudos e testamentos. E a igreja católica ao longo dos séculos “(...) fez com que toda ciência fosse produzida em latim” (HOHLFEDT, 2003, p.81). Na mesma averiguação, a narrativa é fotografada pelas suas lentes passando e se enraizando como forte instrumento profusão e de estudo, nos mosteiros cristãos europeu. No interior deles ganhou habilidade por meio da prática dos copistas. O que consta no fragmento abaixo averiguado pelo mesmo especulador:

[...] redundara numa fantástica duplicação dos documentos originais da cultura grego romano [...] Os copistas reproduzia com fidelidade [...] mas muitas vezes com acréscimos pessoais [...] cortes ou adaptações, documentos originais de séculos anteriores. Cada papiro guardava verdadeira relíquia.

Matar para comer, alimentar-se para viver, estruturas básicas herdadas dos primitivos. O que desencadeou posteriormente na evolução humana, os conflitos, para os domínios. Nas lutas impregnam-se as conquistas e as derrotas. No período em que ocorreu a queda de Constantinopla o caminho da Europa é interrompido. A matéria prima do papiro que era uma palmeira egípcia torna-se inacessível. As soluções foram providas das grandes invenções do lado oriental. Resgata Hohfeldt (2003,).

[...] mercadores europeus haviam trazido desde a longínqua China [...] invenções fundamentais a bússola [...] a pólvora [...] o papel [...] quanto ao papel, combinado com então recente descoberta do tipo móvel, por Johannes Gutenberg [...] possibilitaria [...] até então o golpe mortal no monopólio da Igreja Católica quanto aos textos bíblicos [...] do tipo móvel permitiria para Martinho Lutero traduzir para o alemão e publicá-la contra o protestantismo contra o papa em Roma.

O levantamento feito por Chaves (2005) constatou que Gutenberg em meados de 1450, inventou a prensa de tipos móveis. A engenhosidade trazida superou expectativas. Concebeu como que um fator determinante para contribuir às grandes transformações da humanidade. Ilustraram a demarcação evolutiva: a pólvora, a bússola, o relógio mecânico, o papel. Testemunhas das descobertas, mudanças e avanços contemporâneos da imprensa. O resultado do aperfeiçoamento das navegações também contribuiu para o progresso e conquista de novos mundos.

A chegada da imprensa delimitou, também, a era dos magos. Eles eram os conhecedores dos segredos e dos símbolos. A grafia da fonética a aprendizagem dos sinais converteu-se em algo muito mais simples e natural. Recuperou a imagem de mudanças e evolução. Charles Darwin, o pai da teoria da evolução natural, para desenvolver a sua famosa teoria da evolução, saiu pelo mundo para suas observações. Verificou não só os diferentes seres, mas as mudanças geológicas do planeta. Curiosamente revelou que os terremotos e vulcões são fenômenos naturais

de enormes proporções. Provocam destruição e também alteram a paisagem fazendo surgir montanhas e ilhas, separando continentes e unindo outros. O que hoje se encontra no alto de uma montanha já foi o fundo de um oceano no passado. Essas alterações no relevo terrestre pertencem à dinâmica do planeta e têm influência no clima e na biodiversidade dos seres vivos.

O invento engenhoso de Gutenberg, como a prensa e a tipografia desencadearam e contribuíram para a cadeia evolutiva. Reciclou a curiosa mente humana.

Oficializou Verger (1999) que a invenção da tipografia transformou completamente tanto em velocidade, quanto em qualidade a informação escrita no seio da sociedade .

Essa invenção foi realmente uma das revoluções técnicas mais importantes na história humana, uma força motriz que dinamizou transformações, tão rapidamente que, sem ela, até poderia haver mudanças de paradigmáticas, mas não com a intensidade e rapidez que ocorreu frisou Chaves (2005).

O grego Aristarco de Samos (310- a.C a 230 a.C) foi o primeiro cientista a propor que a terra girava, em volta do sol em um movimento de rotação e translação. Embora acusado de impiedade, o cientista estava certo. A Terra para constituir a sua órbita e trajetória natural, quando gira, em uma das suas banda é luz enquanto a outra escurece.

Comparando o movimento giratório da terra, com o período anterior à tecnologia de Gutenberg. A informação jamais circularia com agilidade da proporção do invento. Permaneceriam inertes no lado escuro, sem visão. Inacessíveis à informação, com muitos iletrados.

A Imprensa reverteu significativamente os métodos educacionais. Alterou-se a forma de pensar, as interações sociais Verger (1999).

A consequência inovadora coloca um ponto final no que vinha ocorrendo. A alfabetização um privilégio para poucos. Com a invenção gutenberiana tornou-se possível a transmissão de informação de um para milhares, contrariando o diagrama anterior, em que a informação produzida fluía de um para poucos. Abriu novas fronteiras ao pensamento, este se espalhou, disseminou informações em condições democráticas. Abrangeu públicos maiores. Quebrou a condição de conhecimento retido, outrora limitado, referiu Chaves (2005).

A chegada da imprensa trouxe mudanças sociais, políticas e psicológicas. No pensamento de Bacelar (1999), a narrativa é instrumento de mudança, que alterou em todos os aspectos a cultura européia. Contribuiu consideravelmente também para a emergência da ciência, religião e política. O mesmo teórico subentendeu que mudança seria aproximação de um novo modelo e era. Incitou também na especulação o resplendor do Renascimento italiano, requereu moldes que desencadeassem as idéias incrustadas em uma civilização enriquecida culturalmente. Em análise verificou que só restava colocar as idéias no papel.

Gutenberg assim procedeu e disseminou a leitura e a escrita. E do casamento entre a prensa tipográfica de Gutenberg e o papel nasceu o livro. O pomo frutificou o

hábito da leitura e escrita. Atraiu escritores para produção das obras e leitores para lê-las. Uma relação de causa e efeito exclusivamente em torno da narrativa escrita.

Roger Chartier (2009) registrou que a Bíblia perpetuou a primeira obra impressa do ocidente. Ele documentou também a Bíblia de Gutenberg como um incunábulo (livro impresso com prensa do tipo móvel), ou seja, inaugurou a impressão da tradução do hebraico para o latim .

Com esse invento tornou-se possível imprimir milhares de cópias idênticas de folhetos e livros Chaves (2005).

O livro anteriormente a Gutenberg houvera sofrido várias modificações. Nada que se compara à transformação dos primeiros séculos da era Cristã, conforme afirma Parente (1999). Ele referiu-se a livro de rolo (*volumen*) em livro de caderno (*códex*) mutação responsável pela forma conservada até nossos dias, ocasião que se prenuncia outras versões estimuladas pela tecnologia.

Navegou-se por muitos mares para desembocar nos oceanos. Muito já se explorou entre mares e oceanos para desvendar os seus segredos. Einstein disse que: “A teoria é o que determina o que podemos observar. Este parêntese leva ao momento que despertou a curiosidade da ciência para teorizar a narrativa. Mergulhar e trazer à tona os tesouros perdidos nas profundezas dos seus oceanos. Isto para a sua expansão e compreensão da sua demanda.

O processo inicia segundo Padilha (2010) com o formalismo russo, estruturalismo linguístico francês e a nova crítica anglo-saxônica. Estes determinantes para a narrativa se teorizar. Roland Barthes com (*Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*, 1966) foi decisivo para o desenvolvimento da pesquisas que desencadearam o universo do narratológico. Assim como na própria natureza as diferenças se fazem, inclusive no vasto universo entre os mares e os oceanos. Foram múltiplos os fundamentos até se chegar a teoria literária esta ainda recente e em processo de gestação.

A narratologia é a ciência da narrativa, da teoria literária. Segundo Motta (2004) para a teoria da literatura se estabelecer a buscaram, especificamente no literário através de observação empírica. Para o surgimento da mesma os analistas não mediram esforço para integrá-la, e sedimentá-la como componente estabelecida na gramática e ou sintaxe narrativa. A sinergia repassa por muitas influências comunhão de idéias e movimentos similares. Em sentido sequencial, até abranger um significativo leque de análises acadêmicas. Atualmente além da teoria literária, onde mais prosperou, é utilizada na antropologia, na teoria dos atos discursivos, na história, teoria do conhecimento, na comunicação e em tantas outras áreas do conhecimento, promovendo e transformando-se em teoria interpretativa da cultura.

Dado ao reflexo teórico e os novos formatos que a narrativa ganhou, desencadearam diversas interpretações teóricas. Padilha (2010) analisou a mesma

ocorre com força em outros contextos. Contemporaneamente seus rastros percorrem contextos políticos, publicitários adotados pela comunicação empresarial. Visualmente está no cinema que se derivou da literatura. Esta no seu amplo palco de obras literárias revelou importantes contribuições acompanhadas de seus escritores e contadores de história. Entre os destaques estão as produções machadianas que protagonizaram o período. A sétima arte, o cinema, contracenando com a fotografia também marcaram o século XIX. Um descendente de guerreiro antigo do Império de Mali, ainda pode ser encontrado nas tribos africanas. Este, citado por (Sodré em 2009) é um contador de história. Denominado **griô** ele além de narrar histórias, tem a função de cantar e dançar na comunidade tribal.

Parente (1999) perfilou a contribuição de Carlos Magno (XII) para normatização da narrativa escrita. Uma transformação que influenciou a substituição da escrita do modelo monástico em escolástico (séc XII), ou seja, a passagem da leitura em voz alta à leitura silenciosa (séculos XII a XIV). Assim como fez Carlos Magno na sua contribuição para a humanidade no período médio, Timothy John Berners-Lee fez para o período pós-moderno. O inglês idealizou a “World Wide Web”, um hiperdocumento de dimensões incalculáveis, interligando uma grande teia navegável de forma intuitiva. As milhares de páginas espalhadas por todo mundo concentram um precioso acervo de informações para a humanidade se expandir navegando por mares e oceanos de informações. A abrangência deste universo incluiu indiscriminadamente todas as áreas, inclusive a própria difusão narratológica emerge do contexto.

Segundo Padilha (2010), pode-se identificar os traços do narrador fabulista por natureza nos blogueiros, comunicadores na Internet. A propósito, os blogs atualmente tem sido alvo de estudos e análises empíricas. A exemplo disto, Padilha dedicou um criterioso estudo ao blog “Me leva Brasil” de Maurício Kubrusly. O fundamento demonstrou como a narrativa deste blog configura um tipo de storytelling, que promove na Internet produtos e conteúdos midiáticos da TV, bem como são narrados, assim como atraem apreciadores, os internautas/leitores e consumidores dos conteúdo midiático na internet.

Mas antes de aferir com maior afinco este tipo de narrativa contemporânea, podem-se ressaltar outros meios e recursos os quais demonstram a expressão e o universo narrativo e as transformações sociais e culturais ocorridas. O teórico que evidenciou o storytelling foi Salmon (2007, 2008). O momento de invenção de Gutenberg modificou os modos de produção e reprodução do texto, salientou Gomes (2010). Houve alteração naquilo que se referia à palavra falada. Embora a narrativa oral sempre tenha perdurado. Verificou-se em Padilha (2010) que a leitura e a escrita configuraram em condição de registro. Descrevem as ocorrências, delineando as imagens, os aspectos narrativos. Cruz (2007) em “*Walter Benjamin: O Valor da*

Narração e o Papel do Justo” mostrara críticas do teórico enfatizando que a duração do relato foi até a chegada do livro, como produto de massa. Os leitores, cada vez mais ávidos pela eminência da leitura, acabam por estimular os escritores a novas circunstâncias.

Dumas em 1836 lançou o folhetim. As alterações circundavam, chegaram às margens do advento do rádio no século XX. Estabeleceu um marco para a comunicação de massa, em que foi pareado por Benjamin (1994). No pensamento crítico benjaminiano foram contextualizadas as radionovelas, as telenovelas e outras narrativas visuais causadoras de impacto no final século XIX, implantadas pelos irmãos Lumière (1895).

Saindo da sala de projeção dos mesmos, no próximo tópico verifica-se a propagação da imagem da narrativa a universos mais aprimorados. Acompanham-se os avanços de última geração.

2. Contexto de alteração: da narrativa impressa para a eletrônica

Recorrendo-se ao pai da eletricidade induzida, Parente (1999) no texto “O Virtual e o Hipertextual: a rede de paradigma contemporâneo”, focalizou uma peculiaridade que envolveu o inventor Michael Faraday (1860) e a monarca inglesa. Quando terminou de fazer a sua apresentação, no *Royal Society*, Faraday foi interpelado pela rainha julgando ser interessante o seu invento. Mas a realeza não se conteve e contestou-lhe, pela serventia do invento. “Recebeu então, a realeza, uma contestação em réplica, do inventor ‘- *Para que sirva um recém-nascido?*’”

Naquele momento havia um enorme abismo separando o advento da eletrônica com o processo de informatização social e a cultura midiática. Nem ao menos Faraday imaginava a propagação e a trajetória da sua invenção tomaria. Igualmente a soberana, sua corte monárquica e seus respectivos súditos. Na análise, Parente (1999) também observou os vértices de inovação e as possibilidades que a informatização abriu, para se coletar armazenar, difundir informações.

A sociedade adquiriu cultura midiática após todos estes pressupostos, afirmou Gomes (2010). Avançou do sistema de comunicação analógica para o sistema digital que envolve o know-how da informação desde telefonia celular, computadores em rede e o livro digital. Tornou real o que Jorge Luiz Borges idealizou oniricamente, a Biblioteca de Babel (1974), espaço para a ubiqüidade. O autor imaginou uma biblioteca universal, sem paredes, cosmicamente ilimitada, com os tesouros literários e científicos da humanidade nela contido. O livro eletrônico quebrou o encanto do sonho borgiano. Estes não fixam em suportes materiais. O papel é desnecessário. Pode ser acessado à distância, com mobilidade e portabilidade. Analogamente à Biblioteca de Borges, os leitores podem acessá-lo instantaneamente, criando o seu próprio percurso. Isto se faz interativamente, com a possibilidade recuperar as

informações em velocidade recorde (SILVA, 2002). A narrativa por sua vez retoma novas formas e se instala em um ciberespaço. Parente (1999) disse haver um espaço recente de comunicação para a humanidade.

A mudança sempre foi algo que desencadeou polêmica. Os especialistas da mídia impressa defendem o livro físico. Em controvérsia, os adeptos da versão digital apostam no espaço de tempo para que se substitua o papel. Neste preâmbulo polêmico agitam-se os analistas, especuladores, para revelarem, esmiuçarem as tendências entre o velho e o novo. Com intuito de verificar a alocação e a trajetória de cada segmento do cenário: narrativa impressa, eletrônica, biblioteca física, sem parede, produção escrita, recepção estética e cadeia produtiva do livro.

O genial cientista Isaac Newton (1643), dentre as suas inúmeras realizações, escreveu obras que contribuíram significativamente para a matemática, física, química, alquimia. Quando a raça humana intrigava-se para descobrir a razão do constante movimento das marés, o cientista explicou este fenômeno por meio da lei da gravidade. Ele relacionou o movimento das marés com a posição do sol e da lua e as forças de gravitação naturais correspondentes. Naturalmente assim, também caminha a humanidade, as suas evoluções, mudanças, diferenciais, descobertas e pesquisas. A narrativa configurou-se neste norte estratégico, convalidada a inerente inquietude do pensamento humano.

O pai da máquina de leitura é Vannevar Bush, diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos Estados Unidos. Bush redigiu para o periódico “The Atlantic Monthly” o artigo “As We May Think”. Nesta ocasião além de divulgar e descrever as suas experiências com os cientistas idealizou o primeiro protótipo do que seria uma máquina de leitura, algo muito semelhante a um e-reader atualmente. Bush apelidou a engenhoca de “Memex” (MEMory EXtesion) referindo a memória extensível ou memória que se possa expandir (PROCÓPIO, 2010) .

A descrição dada por Bush (apud PROCÓPIO, 2010, p. 14) identificou as evidências abaixo:

[...] Desenvolvido de forma que seu conteúdo possa ser consultado com velocidade e flexibilidade, e seu poder de memória possa ser aumentado com suplemento extra, o MEMEX é um dispositivo no qual um indivíduo poderá armazenar todos os seus livros registros e comunicações [...] Conteúdos de jornais, livros, revistas, e artigos que poderão ser acessados ou comprados a partir de um grande repositório de informações.

O sociólogo canadense Macluhan (1972) designou a difusão da máquina de impressão no lado do globo ocidental como a “Galáxia de Gutenberg”. Berker (1991, p. 269) caracterizou o livro eletrônico como “uma coleção de páginas de informação

dinâmicas, interativas que executam a metáfora do livro”. Parente (1991) examinou três pilares fundamentais para serem considerados:

[...] livro eletrônico, hipertextual, introduz três vetores totalmente novos que devem ser levados em conta:

- 1) a velocidade da transmissão e recuperação dos textos aumenta enormemente;
- 2) o leitor pode se inserir na escritura, interagir, transformar, traduzir imprimir. Enfim ele pode mapear o texto utilizando cartas dinâmicas que o permitem interrogá-lo de forma jamais vista.
- 3) ele pode ainda criar textos em grupo utilizando os sistemas de "groupware". Para resumir, ele tem muito mais controle sobre o texto, e este controle é feito com precisão e velocidade.

O mesmo autor em (1993) disse que “os livros eletrônicos são sistemas de entrega de informação que são capazes de prover seus usuários com acesso a páginas de informação eletrônica com que podem interagir”. A “estrada da Informação” foi a referência feita por Gates (1995, p. 146) para manifestar a sua prévia impressão de uma revolução dos conteúdos digitais apontou:

[...] Os constantes melhoramentos tecnológicos dos computadores e das telas nos darão um livro eletrônico, ou o *e-book*, leve e universal, que se aproxima do livro de papel de hoje. [...] você terá uma tela que mostrará texto, imagens e vídeo de alta resolução. Vai poder virar páginas com os dedos ou usar comandos de voz para encontrar [...] que quiser. [...] Teremos que repensar não apenas o significado do termo documento, mas também o de autor, editor, escritor, sala de aula e livro.

Frossard (1998) especulou haver “representações do conhecimento em hipertexto em um ambiente de rede mundial”. Já o historiador Chartier (2009) discordava de Gates, mas em 2009 registrou na obra “Aventura Do Livro: do leitor ao navegador” a seguinte postura: [...] “o texto que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito , assim como nas maneiras de ler”. (CHARTIER, 2009, p.13)

Silva (2002) levantou dados empíricos sobre o livro eletrônico e a mudança de paradigmas, definindo as suas fases da seguinte forma:

[...] um produto com pretensões de substituir os átomos pelos bits, procurando superar o livro impresso, tanto na parte comercial quanto na parte cultural [...]

Para melhor entendimento, dividimos a evolução do livro eletrônico em duas fases: A primeira, quando se empregou na elaboração de textos produzidos na e a Internet. A segunda fase, quando do surgimento dos *devices*, aí sim, uma alusão clara e indiscutível ao livro impresso, e por isso mesmo, vencendo barreiras que o hipertexto não conseguiu transpor (ex.: a portabilidade), pois ainda não conseguiu se desvencilhar da matéria (PC) apesar de produzido em bits. [...] as terminologias e os conceitos de livro eletrônico.

Por ser de um passado recente, o livro eletrônico ainda não possui um só termo que o designe (e-book, i-Book, Livro Eletrônico, Hipertexto, Livro Digital) e, por conseguinte uma conceituação única ou uniforme.

A Folha Online em 10/12/2002 publicou um artigo divulgando que a Literatura Brasileira, iniciava um projeto na Internet:

[...] Três dáblios vêm se achegar esta manhã às demais letras brasileiras. São os www's do Portal Literal, ambicioso projeto de internet voltado exclusivamente à literatura nacional. Ancorado por sites oficiais de cinco autores do primeiro time, <http://www.literal.com.br/> entra no ar à 0h de hoje. Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura, os anfitriões do Portal Literal, não ficam sozinhos no espaço virtual. "Os cinco são as âncoras, mas teremos a revista como pivô de todo o portal", diz Luiz Fernando Vianna, que divide a direção do Literal com Luiz Noronha. [...] Inéditos e esparsos são tônica também nas cinco páginas dos escritores-âncora. A página de Lygia estréia com cartas que ela recebeu de Carlos Drummond de Andrade. A de Fonseca traz um arrazoado sobre pipocas. E assim por diante [...] (Machado, 2002) 04h39.

No inquérito realizado por Velasco (2008) no sentido de averiguar a preferência do formato para averiguação científica foi levantado o seguinte dado:

[...] pesquisa intitulada "o uso do livro eletrônico na prática científica" elenca quatro recursos bibliográficos para que os docentes informem quais deles usam mais no desempenho das atividades científicas. A idéia era identificar o formato mais utilizado. Quanto ao impresso, 95,2% dos doutores optaram por "livros" e 72,5% assinalam "teses e/ou dissertações". Logo, o trabalho confirma que "a obra impressa por ser um suporte conhecido e aceito culturalmente no mercado mundial ainda culturalmente no mercado mundial ainda não tem um substituto à altura.

No dia 31 de agosto a imprensa brasileira e internacional anunciam a última edição impressa do Jornal do Brasil, o mais antigo diário do país. Extingue-se na referida versão. Bortoloti, um dos correspondentes da Folha.com, postou que o grupo

disponibilizou o acesso, da versão online. De setembro em diante as notícias sobre os fatos circularão digitalizados.

Por outro lado, na quinzena anterior, na 21ª Bienal Internacional do livro de São Paulo, foi lançado “O Livro na Era Digital”. O autor é editor Ednei Procópio, membro da Comissão do Livro Digital da Câmara Brasileira do Livro (CBL), especialista em livros eletrônico há mais de 10 anos e docente na Escola do livro e na Escola do Escritor na cidade de São Paulo.

O mesmo autor (2010, p. 25) atribui ao livro eletrônico esta definição:

[...] Chegando aos dias atuais, a revolução dos ebooks possibilita democratizar o acesso à leitura a um nível ainda mais abrangente e de uma maneira extraordinária. Centenas de livros e documentos importantes e muitas vezes dispersos podem ser acessadas com um simples clique. Batiza de **ebook** [do acrônimo electronic **BOOK** - em português, livro eletrônico, a tecnologia tem múltiplas funcionalidades que permitem, entre outras tarefas, o acesso instantâneo a milhares de documentos digitais, e vem de encontro com às ideias de muitos escritores e editores de fazer seus textos chegarem a um número máximo de leitores.

Constam outros dados concernentes ao autor e à obra “O Livro na Era Digital” em versão de vídeo, em uma das maiores comunidades mundiais de compartilhamento de vídeo, o Youtube no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=uVJsHDJ9fg0>.

O mercado da narrativa eletrônica apresenta avanços, os quais acima se elencaram, porém para um panorama é prudente que se traga à tona tendências, entraves, operacionalidades, dúvidas, receios, perspectivas.

Para acessar uma obra digital, o leitor precisa de um software, isto é, se faz necessário um aplicativo especial chamado *reader*. Este usualmente tem distribuição gratuita na internet. Há outros que podem ser comprados. (Procópio 2010). O mesmo relatou que os livros eletrônicos pertencentes a primeira geração de e-books, os devices (dispositivos) receberam o nome de e-rocket. Uma alusão à ocasião que o homem ainda não havia conquistado o espaço lunar nos anos 60 e havia uma coqueluche de jovens comprometidos em construir foguetes.

Silva (2009) em entrevista realizada para a Rede Cultura e Informação do Pará, revelou que

[...] na década de 1980 surgem os devices, que são dispositivos do tipo soft book e do rocket ebook [...]. O Kindle é hoje o device mais recente, lançado pela Amazon.com. [...] duas versões, [...] uma tem a capacidade de armazenar 300 mil páginas, ou 300 mil livros, e a outra que tem capacidade para 150 mil livros. É uma capacidade absurda de

armazenamento, com conexão sem fio, podendo a internet ser acessada a partir dele próprio, através de uma conexão direta, no caso do Kindle com a própria Amazon.com, [...] baixa os livros das livrarias digitais [...]o usuário pode acessar. Principalmente por essa característica, é que chamo isso de biblioteca digital portátil

Na mesma entrevista verificou-se a concepção do pesquisador Luiz Otávio de Maciel Silva, professor do curso de Biblioteconomia e chefe da Seção de Bibliotecas Setoriais da Universidade Federal do Pará, sobre os livros eletrônicos: “a biblioteca portátil”. Mestre em Ciência da Informação e especialista em Administração de Bibliotecas, ele diz:

[...]e não de livro eletrônico, porque, na realidade, é assim que se caracteriza. É possível armazenar uma quantidade enorme de documentos, fazer busca, como se faz em uma biblioteca tradicional, marcar e fazer notas, ter o formato widescreen ou full screen, aumentar o tamanho da letra, o que é importante para quem tem qualquer deficiência visual. Além de tudo isso, é possível levar o dispositivo para onde quiser e mais ainda, o que é bem diferente do livro em papel, ler no escuro, porque ele tem luminosidade, não havendo problema se o ambiente estiver sem luz [...]

O pesquisador observou que em caso de extravio de um objeto como o device Kindle e-book, os dados que se perdem não correspondem a um exemplar de livro, a uma biblioteca inteira com mais de 1500 a 3000 livros, dependendo da capacidade do dispositivo. Na opinião do especialista, exige cautela do usuário.

Na entrevista expressou preocupações com os brasileiros para aquisição dos equipamentos. O motivo justificou ser um deles uma renda média salarial baixa e o outro, o sistema de telecomunicação apresentando uma infra-estrutura precária para no caso de se estruturar o atendimento dos serviços. Segundo Silva a renda nacional baixa é um obstáculo que pode interferir no poder de compra dos brasileiros para adquirir dispositivos. O investimento em média de um livro eletrônico está entre 299 a 800 dólares.

Outro impasse pode se solidificar no sistema de conexão pelo qual somos atendidos: as TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação). O sistema tem trafegabilidade lenta. Para se baixar um arquivo ou fazer um download, o procedimento poderá ser vagaroso. A real qualidade da velocidade propagada em megabytes. No Japão a velocidade da conexão é desempenhada em terabyte, o que tecnicamente se define como cinco vezes mais rápida.

Alinhou as referências aos possíveis desafios que os brasileiros poderão contracenar diante da proliferação destes dispositivos. Adicionou aos obstáculos anteriores o aspecto cultural. Enfatizou a falta do hábito da leitura ser uma expressão nacional. Relatou que existem 17 milhões de leitores brasileiros que

leem um livro por ano. O pesquisador afirmou estarmos muito abaixo do cidadão na americano (5) e francês (7) em média. Conscientizou que no ambiente virtual não existe nada definitivo, pois se migra entre novas mídias. Delimitou que a narrativa impressa vai durar enquanto haja leitores para prestigiá-la . Por outro lado o livro eletrônico é irreversível para as gerações dos filhos, dos seus netos e bisnetos.

No próximo tópico observa-se que a medida que os blogs, roubaram leitores do jornais impressos, o You tube espectadores, a auto- publicação digital dos livros está abrindo novos caminhos e talvez ameaçando todo o setor da cadeia produtiva do livro americana e de outros países? Há sintomas de alterações na indústria do livro? Examina-se a seguir, as evidências reportadas .

3. Opções, demandas, ajustes e reflexos: o livro eletrônico e o convencional no mercado e na cadeia produtiva do livro

The Wall street Journal (2010), em matéria publicada sobre livro eletrônico, revelou que o mesmo é responsável pela mudança da indústria. A publicação revelou que a escritora Karen McQuestion passou quase dez anos tentando convencer algum editor nova-iorquino a publicar seus livros. McQuestion, de 49 anos e mãe de três filhos, encorajou-se e decidiu realizar a publicação sem qualquer auxílio, recorrendo a internet. Em menos de um ano a escritora, já vendeu 36.000 livros eletrônicos para o Kindle. É um dispositivo do aparelho da Amazon.com Inc. para e-books. Como aspecto suplementar ofereceu-lhe alternativa da produção da versão: um filme com um produtor de Hollywood. O noticiário reiterou a verdadeira reviravolta que autores com o perfil de MacQuestion estão demandando no mercado editorial, exclusivamente apenas pelo detalhe que levaram as circunstâncias tecnológicas. Os Jornalistas Geoffrey A. Fowler e Jeffrey A. Trachtenberg testemunharam que o mesmo está enfraquecendo o tradicional controle das editoras sobre o mercado literário. Por outro lado declararam haver aumento do poderio de empresas de tecnologia. Ilustraram que a Amazon e ou empresas de mesma natureza para apontar os livros e autores vão dar certo para circularem neste novo mercado. Eram taxados e ridicularizados pelas editoras. Eram tidos como livros de vaidade. As edições independentes segundo as enquetes desbancaram a institucionalização das editoras com resultados positivos e prósperos. O distribuidor e publicitário de e-books Coker fez a seguinte declaração em nome de sua empresa, a Smashword. Inc.,

[...] Se você é um autor e quer atingir muitos leitores, até pouco tempo atrás o melhor era vender o livro para uma editora, porque elas controlavam a impressão e a distribuição. “Isso está começando a mudar”, diz Mark Coker (FOWLER; TRACHTENBERG, 2010)

Os correspondentes atestam o protagonista ser o livro eletrônico. Atribuem uma popularidade crescente aos mesmos. Revelaram que há anos atrás poucos se interessavam por leitura. Mas os dispositivos ou devices iPad, da Apple Inc., aparelhos eletrônicos como o Kindle, além de ter caído no gosto popular, estimularam a compra e facilitaram leitura por meio das obras digitais. O informativo disse que as vendas dos livros impressos caíram 1,8% em 2009 nos Estados Unidos, com um parâmetro de consumo de US\$ 23,9 bilhões. Em compensação, o consumo de e-books triplicou para US\$ 313 milhões, dados obtidos da Associação de Editores Americanos. Na análise econômica o ranking de vendas de livros eletrônicos poderão atingir o índice de 20% a 25% de alcance mercado de livros eletrônicos até 2012.

É imprevisível traçar por meio de dados concretos as ameaças que as publicações independentes em meio digital possam confrontar para as editoras que controlam os best-sellers. Isto em ambos os formatos. Mas a tendência é crescente e só o tempo pode revelar as diretrizes e os rumos do mercado que surge. A reportagem abordou uma observação sobre a Amazon.com. A empresa, apostando no publicitário, lhes oferecem ferramentas para se auto-publicarem. Além disso, ofereceu-lhes também um aumento suplementar na comissão dos autores. Que suplanta de forma significativa as luvras. A proposta representa-lhes um ganho de 30% para 70% no incremento lucrativo. O autor independente que faturava U\$ 1,75 das grandes editoras, no máximo por livro. Com a proposta concretizada pela Amazon passará ao acréscimo de U\$ 6,99 .

No Brasil - referindo ao terceiro maior evento de livros do Mundo a Bienal Internacional de São Paulo, que só perde para a de Frankfurt (que é a primeira) e a de Turim na Itália - A *IstoÉ Dinheiro*, em parceria com o Portal Terra, divulgou matéria em agosto 18/08/2010. A reportagem de Rodrigo Caetano intitulada “O livro eletrônico, invade a Bienal de São Paulo” mostrou que editoras, livrarias e até gráficas brasileiras se preparam e se preocupam em se adequarem à nova realidade

que o mercado digital está trazendo com os livros eletrônicos. Diz o autor que o interesse dos profissionais pertencentes à cadeia produtiva do livro é renovarem-se para comprar os leitores para a projeção e tendência que o processo digital desencadeou. O artigo destaca que o livro eletrônico começou a mostrar forças e não só foi o centro das atenções, como dividiu espaço com obras no formato. Estas estiveram expostas na 21ª Bienal Internacional em São Paulo. Comentou que os sintomas se manifestaram no Natal de 2009. A Amazon, uma das maiores lojas virtuais do mundo, idealizadora dos leitores de livros digitais, o Kindle, vendeu mais livros eletrônicos do que impressos pela primeira vez na história. Caetano (2010) evidenciou que os escritores brasileiros considerados campeões de venda, aderiram e disponibilizam suas obras no formato eletrônico. O mesmo observou que a Amazon que dispõe de um acervo de 400 mil livros em Inglês, projetou uma estimativa de 5 mil e-books serem publicados em português até no final de 2010. A matéria mostrou ainda o prisma das editoras nacionais se juntando com o intuito de distribuição de livros digitais na expectativa de faturar 12 milhões de reais em 2011, ou seja, planejamento de vender cerca de 300 e-books (livros eletrônicos) por mês. Detalhou na cobertura que há editoras que se uniram inclusive com um desenvolvedor de software. O intuito é criar uma plataforma de gerenciamento de livros digitais. Um sistema de armazenamento capaz de supervisionar venda e criação dos arquivos digitais originais provindos da produção do escritor.

Eco (2003) em relação à dúvida da extinção do livro impresso afirmou que “os hipertextos sem dúvidas tornarão obsoletos os manuais e enciclopédias”. Também segundo ele, não deixa de levar os crédulos receosos do desaparecimento do livro impresso à analogia de outros medos milenares. Os que temem o fim de alguma coisa, inclusive tal como o mundo fim do mundo.

Ainda em agosto de 2010, na FLIP: Festa Literária Internacional em Paraty, Manuel da Costa Pinto, um dos organizadores, disse: “A FLIP transformou de maneira radical, e irreversível a cena literária brasileira, criando uma nova modalidade de interação entre escritores e leitores.” Durante os quatro dias da programação da festa desfilaram personalidades do meio literário, intelectual e cultural. Entre os convidados internacionais que marcaram presença no evento, estavam o historiador

inglês Peter Burke e o norte americano, historiador, diretor da Biblioteca da Universidade de Havard, Robert Darnton. Ambos foram assediados pela imprensa brasileira e internacional para relatarem seus pareceres sobre o futuro do livro digital.

Burke, especialista na Idade Moderna e européia sobre assunto, da atualidade com ênfase nos aspectos socioculturais no dia 08/10/10, disse aos mais importantes veículos de comunicação brasileiros que na opinião dele o futuro do livro digital é certo. Porém, não substituirá por completo os livros tradicionais. É o que o correspondente Isaac Ismar postou em tempo real na ocasião do evento. Em registro da matéria o correspondente registra a seguinte afirmação do historiador: “Acredito que o livro digital tenha futuro, mas algo diminuído. Não acho que ele substitua o livro tradicional, que deve durar pelo menos mais 30 anos. Mas creio que o papel da importância do livro impresso será menor do que o e-book. É pura especulação. A geração que aprendeu a ler com computador pessoal e internet vai ler tanto no computador como nos livros”, afirmou Peter Burke.

Robert Darnton, em entrevista concedida à Folha de S. Paulo, explicou as suas preocupações dizendo: “Sou otimista quanto à digitalização dos livros, mas não pode ser o Google quem define o modo como ela deve ser feita. A internet promove a disseminação do conhecimento e disso sou fã. Mas o Google não é um fã da disseminação do conhecimento. É, sim, um fã da ideia de ganhar dinheiro com isso”. O historiador julgou prudente as bibliotecas do mundo tomarem as dianteiras e mobilizarem-se para domínio dos acervos por meios próprios. Em relação aos meios, o artigo enfocou a posição de Darnton em acreditar na convivência de diferentes suportes. “O futuro certamente é digital, mas a internet não fará com quem desapareça o papel impresso. Uma nova tecnologia nem sempre substitui uma antiga. Pelo menos não num curto prazo”. Apontou, ainda, uma situação muito complicada para jornal impresso, lamentando-lhe a extinção de inúmeras publicações em todo os Estados Unidos. Não arriscou qualquer prazo para sobrevivência dos mesmos. Observou Darnton que embora pessimista ao referir-se aos jornais, julga que os livros passam passando por um bom momento. Darnton,

durante a FLIP, lançou “A questão dos livros: passado, presente e futuro” pela Companhia das Letras, uma tradução de Daniel Pellizzari.

Considerações

A narrativa foi teoricamente abordada, no propósito para averiguação da suas origens, desenvolvimento, expansão, avanços e suas diretrizes inseridas pela tecnologia inovadora. Buscou-se a discussão para desvendar se a narrativa impressa suprirá o livro eletrônico. Adeptos da versão impressa defendem a sua continuidade, do outro lado afirmam o seu tempo contado. Julga-se recente os acontecimentos para apontar um parâmetro definitivo concluindo o destino de uma e de outra.

Sabe-se da coexistência entre os documentos impressos e digitais. Ambos consolidam a realidade de transmutação do universo narrativo. Apresentam um perfil hiperconectado no cenário da cultura pós-moderna. No conjunto o encontro da mídia impressa e digital. O mesmo efeito da pororoca das águas entre Rio Negro e Solimões. O choque das águas empurradas pela força natural de uma corrente mais veloz com águas mais densas, portanto lentas. Delimitam fronteiras, de um lado as límpidas e do outro as turvas águas do Rio Negro. Por um extenso percurso lutam pelas por suas divisas e território. Fundem-se, fecundam-se, em confluência se diluem. Híbridas, se renovam para um rumo certo. Atingem o mar. Infinitamente, além do tímido olho d’água sua foz nascente. Chegam ao dorso do planeta para navegar em seus oceanos. Analogia possível para o destino do futuro-presente da narrativa escrita e eletrônica. Ambas procedidas dos urros, dos ancestrais Homo Sapiens. Foram eles que ressoaram os ecos. Estes viraram vozes. Estas foram ouvidas pelos cancioneiros. Encantados, juntaram-se, os líricos, os épicos e os mitos. Uniram-se também os poetas, os narradores, os escritores que se realizam aos olhos deleitados dos leitores, atualmente também web-leitores dos e-books ou e-readers.

REFERÊNCIAS

BACELAR, J. *Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf Acesso: 14/10/10.

BARTHES, R.. *Análise Estrutural da Narrativa*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia , Técnica , Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERKER, Philip G. *Eletronic books. Educacional and Traning Technology Internacional –Special Edition*, v.28.número 04.p269.368.1991.

BORGES, Jorge Luiz . A Biblioteca de Babel. In: *Ficciones* . Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago07/Art_04.htm>. Acesso em: 10/10/2010.

BLOG. In: *Webopedia Computer Dictionary*. Disponível em: <<http://www.webopedia.com/TERM/b/blog.html>>. Acesso em 11/10/2010.

ISMAR , Isaac. *Peter Burke comenta o futuro do livro digital*. Disponível em <http://diversão.terra.com.br/artecultura/noticias/0,,OI4612184-EI3615,00-Na+FLIP+Peter+Burke+comenta+futuro+do+livro+digital.html> . 08/08/10 17h55.

BORTOLOTTI, Marcelo. *A Última edição Impresa do “ J B”circula hoje* . Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/791494-ultima-edicao-impresa-do-jb-circula-hoje.shtml>
Acesso em 31/08/2010 – 8he 30 . Rio (RJ).2010.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAETANO, Rodrigo. *O livro eletrônico invade a Bienal Internacional de São Paulo*. Disponível em: http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/31602_LIVRO+ELETRONICO+INVADE+A+BIENAL+DE+SP
post . 18/08/2010 atualizado em 21/08/2010. Acessado em 10/10/2010

CENA, Carlos. Imaginação (Fábula). In: *Dicionário de Termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/l/imaginacao.htm>. Acessado em 05/10/2010

CHAVES, E.O.C.O. *O desafio da tecnologia na educação*. 2005. Disponível em: <http://www.escola2000.org.br/pesquisa/texto/textos-art.aspx?id=77>> Acesso 10/10/2010

CHARTIER, Roger: *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1ª reimpr., 2009.

COLOMBO, Sylvia. *Historiador Robert Darnton vem para a FLIP lançar coletânea*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/752886-historiador-robert-darnton-que-vem-para-a-flip-lanca-coletanea.html > post. 18/06/2010 . Acessado. 9/10/2010

CRUZ, Ricardo Souza. *Walter Benjamin : o valor da narração e o papel do juto*. Salvador. Dissertação de Mestrado : Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas . Universidade Federal da Bahia, 2007.

DARWIN, Charles. *A viagem do Beagle*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Viagem_do_Beagle . Acesso dia 08/10/2010

DARWIN, Charles. *A Evolução Natural da seleção Natural* . Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin. Acesso no dia 8/10/2010

ECO, Umberto. Muito além da internet. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 dez. 2003.

Disponível em: <http://www.sibi.usp.br/sibi/Crescer/Novidades/novidade_2.htm>. Acesso em: 10 out. 2010.

FROSSARD, Vera Cecília. *A trajetória do livro da matéria impressa ao mundo digital novas possibilidades emergem para a aquisição do conhecimento*. Orientadores: Maria de Nazaré Freitas Pereira e Carlos José Pereira de Lucena. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO/IBICT. 1998. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação) p.43
FOWLER, G. A. ; TRACHTENBERG, J. A. *Livro eletrônico começa a mudar a indústria*. Disponível em :
<http://www.mxstudio.com.br/mxnews/livro-eletronico-comeca-a-mudar-industria/>
Acessado em 15/10/2010.

GATES, Bill. *A estrada do futuro* . São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOMES, Adriano Lopes. *As Narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica* : um estudo de caso . Disponível : em <http://www.bocc.uff.br/pag/gomes-adriano-narrativas-orais.pdf>. Acesso em 13/10/10

HOHLFEDT, A. C.; FRANÇA V. V.; MARTINO, L. C. (Org.). *Teoria da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

JAKOBSON, Roman. Le Sons et Le Sens. In: *Prefácio de Linguística e Comunicação*. São Paulo: Edusp. Disponível em:

<http://www.slideshare.net/adrianaecker74/roman-jakobson-linguisticaec> . Acesso em 20/10/2010.

JOLLES, André . *Formas simples* . Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LITERATURA BRASILEIRA. *Projeto Portal da Literatura Brasileira* . Disponível em: <http://www.literal.com.br/> Divulgado em 10/12/2002. Acessado em 30 /08/2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. Brasília: Casa das Musas, 2004.

MACLHUAN, Marshall. *A galáxia de contra Gutenberg*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

McKEENA, Brian. *The Coming of the electronic book*. Online & CD ROM review, v.22, n.5, p.346-348, 1988.p.346.

COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. *Isaac Newton*. Disponível em: www.suapesquisa.com/biografia.newton. Acessado em 17/10/2010.

NILES, John. *The Poetics and Anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

PADILHA, Juliana dos Santos. *Storytelling do Blog Me Leva Brasil: desdobramento de conteúdo midiático da TV. Interação com o Telespectador e Propaganda* . Bauru: UNESP . Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação . Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, 2010.

OCEANOS. Disponível em: www.arzy.kit.net/oceano-emales.html . Acessado 17/10/2010 13h46

PARENTE, André. *O virtual e o hipertextual: a rede como paradigma da Contemporaneidade*. Rio de Janeiro. 1999.

PROCÓPIO, Edinei. *O livro na era digital*. São Paulo: Giz Editorial , 2010.

PROCÓPIO, Edinei. Disponível em : www.youtube.com/watch?v=uVsHDJ9fgo . Acesso 13/10/09 – 14h30

SALMON, Christian. *Storytelling: La machine à fabrique dês histores et à formater les esprits*. Paris: La Decouverte, 2007.

SAMOS, Aristarco. *Astronomia: Aristarco* . Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/museu/astronomia.htm> . Acesso: 11/10/2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 2008.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. *O livro eletrônico: mudando paradigmas*. In Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. 20., 2002, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: CBBBD, 2002. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/78.a.pdf#search=%22O%20livro%20eletr%C3%B4nico%3A%20mudando%20paradigmas%22>> Acesso em: 14/10/2010.

SILVA, Luiz Otávio Maciel da. *Entrevista para Janela Cultural – Mercado do livro eletrônico apresenta avanços, entraves e tendências* : Disponível em: <http://www.janelacultural.com.br/entrevista/o+mercado+do+livro+eletr%C3%B4nico+apresenta+avan%C3%A7os+entraves+etendencias/html> . Acesso em 25/09/2010, postado por Rosane de Brito em 26/10/2009 às 9:46 (banco de Informações da Rede Cultura do Pará)

STRAUSS, Levi Claude. *Mito e Significado: Perspectivas do homem*. Lisboa: Edições 70, 1977.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato : notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VELASCO, Juliana. *O Uso de livros eletrônicos na prática científica*. Salvador: UFBA, 2008.

ZAID, Gabriel. *Livros demais sobre ler, escrever e publicar*. São Paulo: Summus, 2004.